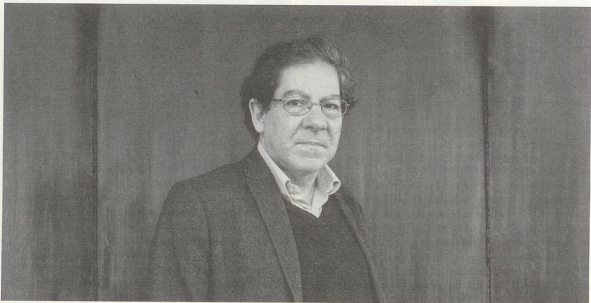


Nuno Júdice:

«O Eça chamou-lhe *Os Maias* e não *The Johnsons*»

É, desde 2009, diretor da revista *Colóquio/Letras*.



Pensa que a tendência de revisitação do passado histórico se mantém no século XXI? Ou, pelo contrário, desapareceu do horizonte da ficção mais recente?

Essa revisitação nunca desaparecerá. O romance histórico faz parte da tradição desse género e, no caso português, substitui o desaparecimento ou a desvalorização da chamada história factual e biográfica. O que temos visto é que esse tipo de romance surge por arrasto de efemérides, centenários ou celebrações, fazendo parte de uma pequena indústria editorial que tem toda a legitimidade de existir. Quem quiser estar informado sobre tais ou tais épocas, personagens ou acontecimentos, pode adquirir esse conhecimento através dessa literatura. No meu caso, tendo lido quando andei no liceu a *História de Portugal* do Pinheiro Chagas e depois os livros do Oliveira Martins, para além do Fernão Lopes e de muitos outros cronistas, já tenho informação que chegue para não ter de a completar com romances.

É já de facto possível identificar novas tendências? É possível detetar temáticas dominantes?

Novas tendências há sempre, e nestes 13 ou 14 anos do novo século já surgiram alguns livros que revelam uma renovação da narrativa. Estar a nomear um ou outro é um exercício sempre perigoso, e por isso abstenho-me, tanto mais que não sou um leitor compulsivo de ficção — leio apenas o que sou obrigado a ler (como os concorrentes ao Prémio LeYa, onde se encontram já alguns dos nomes interessantes desta renovação) e livros que por uma razão ou outra me chamam a atenção.

É sob o signo da pós-modernidade que as novas tendências se revelam? Ou ainda são integráveis na modernidade?

Era preciso que eu subesse, hoje, se ainda existe pós-modernidade. O conceito fez o seu tempo e foi aplicado à direita e à esquerda sem grande critério, pelo que pode designar tudo e coisa nenhuma. Julgo que os prosadores atuais

não se preocupam muito em encaixar o que fazem em rótulos; o que há em alguns casos é uma procura de internacionalização que me parece descaracterizadora e nalguns casos ridícula. Se é por chamar a um personagem John Lewis em vez de Joaquim Silva, e ao local da ação Dronfield em vez de Mondim de Basto, que o livro passe a saber a gim em vez de ginginha, percam as ilusões. Sejam portugueses, caros autores! O Eça chamou ao romance dele *Os Maias* e não *The Johnsons*.

Partindo do princípio de que existem tais novas tendências é já possível identificar autores canónicos?

O cânone dá muito trabalho para lá chegar, e tempo para se saber se quem lá está tem assento marcado ou vai de pendura. Calma é que é preciso.

Pode dizer-se que a ficção portuguesa está de boa saúde e recomenda-se?

O termómetro não dá sinais de febre, acho que sim.